

Artesanato e Turismo

O Artesanato na Região de Turismo do Alto Minho

por Francisco Sampaio

«Região única de turismo (passe lá o termo). Porque não tomamos a sério esse caminho? Comercialmente, financeiramente, produtivamente — orçamentologicamente falando, como diria o Nascimento Fernandes.

Fonte de receita formidável — de acordo, mas exploremos a mina e não comecemos a estragá-la...

— «Não posso andar de camisa de estôpa, de socos com brochas, de calças de serguilha, de suissas, de caroça.

Tem razão o agrómimo; vou deixar de cangar o gado, acabar com a esfolhada, usar silo em vez de meda, e o Rud-Sack em vez de arado de pau a três juntas.

Vou mudar de bois. Nada de «piscos»; vou misturar-lhe sangue charolez.

Vou acabar com as sachadas e as esfolhadas — e todos os trabalhos de favor. Gasto mais do có que recebo!

Etc., etc., etc. E ainda uma linha de pontos.

Intervém então o turismo. Mantém tudo isso, em seu nome — e indemniza-o, dá-lhe o valor dessa fonte de receita.

Reduza-se tudo a deve e haver — ou então em nome do que se lhe pede esse sacrifício?

Eu conheço uma região de turismo do sul da França, alta-

mente requintada. Pouco ruído, pouco movimento, hóteis de boa, escolhida frequência. Poucos divertimentos, muito seleccionados.

Passeia-se muito a pé. O auto-car é só conhecido de passagem: forasteiros doutros centros que vêm admirar aquelas lindíssimas excursões. Os estrangeiros desta estância, esses transportam-se em carros de cavalos guizalhantes, de postilhão de chapéu alto, à moda antiga da região.

...E um passeio de tipóia é mais caro que de automóvel...

O mais lindo Rolls (phantom 20 H. P.), o mais soberbo Pachard (roadster chassis longo), um Austro Daimler familiar e principesco ali passam a estação, entre centenas de colegas de distinção. Mas aquela parrelha de cavalos do velho landeau é mais bem tratada que o mais amimado daqueles motores exclusivamente alimentados a óleo de rícino extra-puro.

«Recordo o caso...»¹

Passados 50 anos que foram, os problemas levantados pelo Conde d'Aurora, assim como as sugestões, sejam ao nível do Artesanato, sejam do Turismo, estão perfeitamente actuais e seriam facilmente sobreescritas por qualquer técnico de Turismo.

De facto, só agora com o processo de regionalização é que a Comissão Regional de Turismo do Alto Minho, viu alargadas as suas possibilidades, para em ampla conexão com as autarquias locais e a Direcção Geral de Turismo, tendo como base serviços e estruturas;

a) satisfazer o crescimento de um novo sistema complexo e vivo como é a área turística do Alto Minho;

b) motivar o conhecimento da realidade turística do Alto Minho, inter disciplinando factores básicos como são os económicos e os sócio-culturais;

— agregar em acções comuns o que até então era disperso, corrigindo actividades, programando serviços que se sobrepunham ou mesmo se destruíam;

— vocacionar um novo quadro turístico eminentemente regional libertos de modelos standardizados;

— reencontrar um novo equilíbrio, promover um novo planeamento do pensar próprio da Região do Alto Minho e das suas gentes.

Não tem sido fácil, no entanto, a nossa acção.

¹ Conde d'Aurora in «Ribeira Lima, Maio de 1931 (Anuário do Distrito de Viana do Castelo, Volume I, 932)

Criada em Dezembro de 1979, mas só entrando em funcionamento efectivo em 25 de Novembro de 1980, estamos prestes a completar três anos de actividade².

E voltando ao Conde d'Aurora, é triste dizê-lo mas é um facto, ainda há Centros de Turismo de Portugal, no estrangeiro, que não sabem o que é o Alto Minho (vagamente a Costa Verde), ainda há pessoas responsáveis no sector do Turismo que teimam em desconhecer um outro Portugal turístico que não seja o triângulo Lisboa, Algarve, Madeira; ainda há quem duvide das nossas potencialidades enquadrando-as, única e simplesmente, dentro de um turismo, entre portas, que deveríamos incentivar, dada a falta de sensibilidade e até de interesse comercial manifestado pelos grandes operadores quanto à nossa Região.

Claro que não é este o local para defender a nossa posição o que neste caso, será defender a posição de todas as regiões que não sejam as já citadas.

Simplesmente julgo importante aflorar este facto porque ele

² Foi pela vontade expressa dos Municípios do Alto Minho, a que mais tarde se agregou o concelho de Esposende, que se criou a Região de Turismo do Alto Minho (Costa Verde).

A proliferação de órgãos locais de turismo (Comissões Municipais e Juntas de Turismo), não favorecia a actividade turística da Região.

Daí os constantes apelos à Secretaria de Estado do Turismo pela criação de uma Comissão Regional de Turismo onde todos os Municípios estivessem representados, aptos a desenvolver e a realizar cabalmente as tarefas mais adequadas à promoção da actividade turística.

Esta justeza de apreciação foi contemplada, aliás, no preâmbulo do Decreto-Lei 519-L1/79 de 29 de Dezembro ao dizer «está neste caso a Região do Alto Minho, cujos Municípios há muito se vem manifestando no sentido da criação de um órgão regional de Turismo».

Sem dúvida que qualquer dos municípios representados na Região tem potencialidades turísticas que urge aproveitar mas onde também surgem assimetrias, principalmente, no que se refere à sua procura.

E considerando o fenómeno turístico não apenas como uma actividade económica mas, e, sobretudo, como factor de desenvolvimento regional equilibrado, um meio de promoção cultural e um dos direitos sociais dos cidadãos, julgo que, normalizadas as situações que não permitiam o agrupamento de interesses pela proliferação de órgãos locais de turismo que tinham por vezes uma visão minifundista do fenómeno turístico, mal sobrevivendo em face da escassez de recursos humanos, técnicos e financeiros, podemos agora, inseridos numa Região cujo nome já foi internacionalmente aceite — **Costa Verde**, e numa sub-região — **Alto Minho**, cujas estruturas estão agora criadas, promover de uma forma dinâmica, regular, progressiva e competitiva, todo o Alto Minho, eliminando à partida bairrismos doentios, idealismos e ilirismos de modo algum equacionáveis com a realidade que é o Turismo, como indústria, como produto e prestação de serviços que desejamos vender.

está ligado intimamente ao artesanato, ao património, à cultura, ao emprego.

Turismo, para nós, para mim, não é só economia.

O turista não consome só bens e serviços.

A paisagem, os miradouros, os monumentos, os costumes, toda a cultura popular são motivos para uma participação directa, são «produtos» de consumo turístico.

Daí a responsabilidade que temos na defesa de tudo quanto faça parte do nosso património cultural: como arte, como trabalho, como identidade, o seu valor não reside em ser um legado do passado, memória de um povo, mas, sobretudo, instrumento e condição de futuro.

Por isso Turismo, e, concretamente, Turismo no Alto Minho, proporcionará desenvolvimento autêntico se, partindo da própria identidade da nossa gente, conhecendo e utilizando os próprios recursos — físicos, económicos, educativos, estéticos e recreativos — for capaz de os renovar e enriquecer.

Daí Turismo, também, como valor pedagógico activo, como prática de vida, como criatividade.

Queremos pois que regionalização turística seja um factor de promoção social, individual e colectiva — factor de democratização.

Queremos que VIANA, o Alto Minho sejam, de facto, AMOR — HOSPITALIDADE — CONVÍVIO — AMIZADE, nunca subserviência, inferioridade, resignação, nunca o «pobre português (...) que, quer queira quer não, está sempre de cócoras diante de qualquer estrangeiro», como diz Miguel Torga no XII volume do seu «Diário».

Queremos, finalmente, Turismo como direito social dos cidadãos, ou seja, tornar acessível às populações residentes as condições mínimas de vida actual — para que todos gozem efectivamente as suas férias e façam uma proveitosa utilização de tempos livres.

Para que a nossa gente não continue a ser olhada como um «resíduo» ou, simplesmente, como um bom elemento para fotografar, cartaz para turista ver!

O mesmo se passa, quanto ao artesanato.

Não vale a pena darmos grandes esperanças às nossas gentes com slogans como «desenvolver uma região pobre revitalizando o artesanato», ou, pior ainda, explorando o sentimento afectivo, humilde e resignado do nosso artesão ao dizermo-lhes frases tão lindas como as que se podem ler no prospecto da Secretaria de Estado do Emprego: «artesanato — oiro da terra, sonho das mãos — a expressão mais íntima e espontânea que o poder criador das nossas mãos exerce sobre a terra».

O mesmo direi, quanto às feiras de Artesanato, sejam elas as de Vila do Conde, Vila Nova de Cerveira, Aveiro ou do Casino Estoril.

É um insulto o que se vê!

Há 50 anos a classe dos artesãos era a mais importante das nossas aldeias, das nossas comunidades!

O que se passa hoje?

O que pensa o público de Lisboa; o operário diferenciado, o trabalhador da cadeia de montagem ou do complexo industrial, o bancário, a dona de casa, a alta finança, a classe dirigente, do artesão que ali está: oleiro, bordadeira, tecedeira, cesteiro, canteiro, etc!...

Que prestígio social, lhe merece o artesão?

Que ordenado, que salário, terá!

Quais são as suas regalias sociais, de previdência, de associação, de crédito, de apoios estatais?

Como vive o artesão?

Não basta dizer como se afirma no catálogo da Exposição Estoril Sol/81 «ninguém duvida que o artesanato do nosso País está a morrer». (...) «dia a dia perde-se o riquíssimo património cultural que constitui a identidade do nosso povo e da nossa vivência».

É preciso saber-se porque está a morrer o artesanato; porque está a desaparecer todo o nosso património cultural.

Dissemo-lo, já, na Feira de Gastronomia e Artesanato de Santarém:

Sem que o Artesanato seja reorganizado em termos de produção, de comercialização e de recrutamento de novos candidatos; sem que se possibilite ao artesão ter um local onde possa demonstrar a real valia da sua arte; sem que a imagem do artesão seja prestigiada e não rotulada como sinónimo de miséria e ruralidade; sem que a própria escola reconheça o artesanato como via profissionalizante, chamando para junto de si, como monitores, verdadeiros artistas que, a não serem recrutados, levarão consigo segredos inextimáveis duma verdadeira e genuína arte popular; sem que as autarquias, a cultura, o turismo, não reconheçam esta realidade, então, não valerá a pena, continuarmos a pensar em Bienais de Artesanato, nem em Feiras porque elas não serão representativas dos verdadeiros artesãos, antes um mostruário de um outro tipo de artesanato que, evoluindo do utilitário para o decorativo, sob o império de uma procura determinada pela moda, deixou

de ter criatividade para, numa repetição constante, num fabrico em série, descaracterizar tudo aquilo que era bem representativo do novo património cultural³.

Foi mais longe, todavia, a acção da CRTAM em defesa do Artesanato do Alto Minho.

Para além do levantamento já efectuado de toda a actividade artesanal do Distrito, da elaboração de uma pequena história, duma carta e duma etnografia do artesanato actual, a CRTAM solicitou ao Senhor Secretário do Turismo autorização para que em cada Delegação de Turismo dispusesse dum mostruário seleccionado de artesanato local e regional, as necessárias indicações para a sua aquisição e respectiva comercialização, proposta esta que foi aceite Superiormente.

Porém, se o Turismo tem um papel do maior relevo na evolução do artesanato, responsável como é por uma parte muito importante da procura de produtos artesanais, a sua acção não pode estar desinserida de uma «política do artesanato» que é mister definir.

E essa está intimamente ligada a outras «políticas» locais e regionais, concretamente, aos sectores da cultura, educação e instrução.

Desta interligação de esforços dependerá, a nosso ver, o êxito ou a morte de toda a actividade artesanal.

E porque acreditamos no êxito, exactamente, a nossa proposta é converter o Castelo de Santiago da Barra de Viana do Castelo, num grande centro artesanal, verdadeira associação de autarquias, onde se reuniria, num local cujo marco histórico-cultural é mister defender — a confecção, a venda directa, a escola e a exportação⁴.

³ Daí que competirá a cada Delegação de Turismo fazer o inventário exaustivo das potencialidades do concelho a que pertence; chamar a si a orientação do artesanato existente na zona; promover a ocupação dos artesãos; estabelecer pequenos mapas e circuitos de artesanato que possam orientar os turistas; alertar, inclusivé, casos atentórios do património artístico, etnográfico folclórico e paisagístico; desenvolver o artesanato da Região organizando Feiras de Artesanato com o apoio dos «Municípios»; instituindo um «selo de garantia» aos artigos a vender; adquirindo em tempo útil a produção, etc.

⁴ O programa deste Centro de Artesanato basear-se-ia, essencialmente, no seguinte: aproveitamento da parte central do Castelo para lojas de exposições de artesanato e venda; armazém para stock de matérias primas; salas de aprendizagem servindo os artesãos como monitores; salas de exposição do trabalho de artesãos e alunos; atelier dos artesãos; alojamento para artesãos e escolas que desejassem fazer o intercâmbio de experiências; cantina, refeitórios, sala de convívio, etc.

Tem a palavra a Direcção Geral do Património Cultural, a quem está entregue aquele imóvel; a Comissão de Coordenação da Região Norte, que vem dando o total apoio às acções da CRTAM; a Direcção de Equipamento de Viana do Castelo, cujo Director foi um dos mentores deste aproveitamento; a Direcção Geral de Turismo; o Governo Civil; as autarquias do Distrito; as escolas e a Universidade; a Misericórdia de Viana do Castelo (a quem parte do imóvel foi já cedido)⁵.

E como os últimos são os primeiros — os verdadeiros artesãos, os verdadeiros artistas, por cuja valorização social e económica tanto lutamos.

São estes, pois, os nossos objectivos, a curto e a médio prazo.

Antes, porém, da adaptação do Castelo de Santiago da Barra torna-se mister organizar e legalizar um centro de artesanato, constituído por uma ou mais associações de artesãos, ou cooperativas, que contribuam para a resolução dos múltiplos problemas agora referidos.

Para esse efeito espera contar a CRTAM com o apoio financeiro e logístico da Secretaria de Estado do Emprego, através do Núcleo de Apoio Regional ao Artesanato (NARA), de modo que as áreas do Turismo, da Cultura e do Emprego e Formação Profissional, trabalhem em conjunto, nesta verdadeira aposta ao futuro:

— O Artesanato a oferecer perspectivas atraentes a potenciais candidatos;

— O artesão com o rendimento equiparável ao das demais profissões;

— O artesanato associado a uma imagem prestigiosa e não a uma memória de miséria.

⁵ Por despacho do Director Geral do Património de Estado de 20 de Outubro de 1982, foi autorizada a cessão a título precário e gratuito nos termos do Decreto-Lei n.º 24489 de 13 de Setembro de 1934, à Comissão Regional de Turismo do Alto Minho (Costa Verde), do Forte ou Castelo de Santiago da Barra, inscrito na Matriz predial urbana da freguesia de Monserrate sob o art.º 1722 e na rústica sob o art.º 335, auto este que se realizou na Direcção de Finanças do Distrito de Viana do Castelo em 5 de Maio de 1983. Posteriormente, a Câmara e Assembleia Municipais de Viana do Castelo foram favoráveis à instalação de uma unidade militar naquele Forte. A CRTAM, no entanto, de acordo com o projecto proposto pela Comissão Regional em reunião plenária de 25 de Agosto de 1983 «mantém como prioritário o aproveitamento do Castelo de Santiago da Barra para fins turísticos, concretamente, para Centro de Artesanato e Expo/Feira».

A SITUAÇÃO DO ARTESANATO NO ALTO MINHO

Subsistem por toda a Região do Alto Minho, um grande número de artesãos ocupados em quase todas as formas do artesanato tradicional muito ligados à vida quotidiana.

Do levantamento feito pelo CRTAM em quase todos os concelhos, estabeleceu-se uma carta provisória das actividades com a localização e identificação dum sem número de artesãos.

A nota informativa, que agora apresentamos, para além de uma breve descrição de cada tipo de artesanato, apresenta os mestres artesãos que mais se dedicam a essa actividade e que vem trabalhando já em colaboração com esta CRTAM.

Pela descrição verifica-se que a maior parte dos artesãos se situam no concelho de Viana do Castelo e limítrofes, Ponte de Lima, Caminha, Esposende.

Isto não significa que no interior não existe artesanato.

Pelo contrário. Em termos gerais, pode dizer-se que na zona do interior (Ponte da Barca, Paredes de Coura, Arcos de Valdevez, Monção e Melgaço), o relativo isolamento e a subsistência não intocada mas ainda sensível de formas de vida tradicional são acompanhadas pela manutenção de todas aquelas actividades artesanais que produzem um grande número de objectos indispensáveis à vida quotidiana (carpintaria e tanoaria, latoaria, tecelagem, cestaria, olaria, pirotecnia, etc.). A medida que se desce das montanhas, que se parte do interior para o litoral, a função utilitária do artesanato transforma-se mais em decorativa (latoaria e ferragens, cerâmicas e olarias decorativas, estatuária de pedra, trabalho em madeira, confecção de bordados e trajes regionais, etc.).

Assim se vai expandindo um certo n.º de objectos de função ambivalente: para os turistas que o adquirem porque tem um valor simbólico (evoca e inspira os valores de um certo universo cultural), estético (cores e capacidade decorativas), ou manifestativo (recordação de um certo lugar), transformando-se em objectos de arte ou testemunho de tradição, aquilo que continua a ser também produzido com menos enfeites mas não menores cuidados, para instrumento de vida e trabalho dos autóctones. E aqui surge um outro problema; a valorização social e económica dos produtos artesanais, o que faz com que o artesão prefira trabalhar de preferência para o Turismo do que para os seus, uma vez que os produtos artesanais utilitários estão, normalmente, ligados a todo um passado de miséria. Somente que nesta evolução do quadro utilitário para o decorativo, determinada, a mor das vezes, sob o império da procura e da moda, a produção e os produtores são, muitas vezes, compelidos pelo deslizar da criativi-

dade para a repetição, da laboração individual global e inédita para o fabrico em série. E assim se dá uma descaracterização, que significa, também, o fim da qualidade e da autenticidade do produto artesanal.

Um outro problema, que convém, resolver atempadamente e esse mais ligado à gastronomia, à doçaria, aos vinhos etc., diz respeito aos verdadeiros segredos que, normalmente, aferrolhados em famílias, correm o risco de morrer com os seus conhecedores⁶.

É conhecida a recomendação de Talleyrand, dirigindo-se a Napoleão ao partir para o Congresso de Viena: «tenho mais necessidade de bons cozinheiros do que de diplomatas».

A Gastronomia é um dos factores mais importantes da história de um povo, da sua tradição, da sua cultura.

Daí que o Dr. Nuno Lima de Carvalho, numa brilhante dissertação durante o 1.º Congresso de Gastronomia de Viana do Castelo realizado de 16 a 18 de Março p. p., propusesse a constituição de uma «Confraria dos Amigos da Gastronomia do Minho» que arrigimentaria todos os devotos — mas sobretudo os mais devotos — da comida que as nossas mães e avós nos legaram.

Em linhas gerais esta Associação teria os objectivos seguintes:

- defender a autenticidade da gastronomia do Minho;
- promovê-la a nível nacional e internacional;
- promover a realização de jantares e almoços de gastronomia minhota, de preferência nos melhores restaurantes do Minho, com a presença de gastrónomos de vários pontos do País;
- Criar um símbolo da «Confraria» que seria atribuído e afixado como recomendação à porta dos restaurantes onde fosse servido um conjunto significativo de pratos da gastronomia minhota;

⁶ Não se trata de um levantamento exaustivo de toda a actividade artesanal do Distrito, muito menos, de uma carta da etnografia do artesanato existente.

As notas que se seguem afloram, parcialmente, os diferentes «tipos» de artesanato que ainda tem representatividade na Região.

Agradeço a colaboração do Dr. José Luís Costa Rodrigues Oliveira, estudioso dos problemas do Artesanato e com um ficheiro de artesãos e das técnicas em uso notáveis e, ainda, do Pintor Rui Pinto, a quem se devem os desenhos que ilustram a temática deste artigo.

- escolher e premiar anualmente a melhor cozinheira e o melhor restaurante;
 - patrocinar a publicação de um roteiro de gastronomia do Alto Minho;
 - promover o intercâmbio com outras agremiações congêneras estrangeiras;
 - Promover e apoiar todas as iniciativas conducentes à mentalização dos restaurantes minhotos com vista à apresentação permanente da gastronomia desta Região, utilização de toalhas e loiças regionais;
 - e outras medidas que a «confraria» haja por bem promover.
- A ideia Aqui fica.
- A sede da confraria poderia ficar nas instalações da Comissão regional de Turismo do Alto Minho.

Carta Provisória do Artesanato do Alto Minho

BORDADOS REGIONAIS

São feitos em pano alinhado, linho, estopa fina e lã com utilização do fio de algodão perlé ou fio de lã, e produzidos a partir da combinação das chamadas cores folclóricas (azul, vermelho e o verde), à exclusão dos grandes atalhados, estes bordados, a maior parte, com cores mortas.

Os motivos mais em voga, segundo riscos antigos e utilizados de acordo com a maneira pessoal de cada bordadeira, tanto aparecem no traje como nas célebres toalhas de mesa de Viana: silvas (linhas rectas ou curvas, das quais partem pequeninos raminhos de folhas a cheio — silvas de folhas); corações (desenho em forma de coração, geralmente bordados com fios tirados e contornados com pé-de-flor); rosas (desenho que imita uma flor); japoneiras (estilização das camélias); fouces (estilização da lâmina da foucinha); elementos geométricos (triângulo, quadrado, losango).

Nos bordados com fios de algodão, utilizam-se, também, os pontos aberto, cheio, cordão, crivo, cruz, espinha de peixe, formiga simples, nozinho, pé-de-flor, pregas de imprensa, cadeia, etc.

As artesãs mais conhecidas são:

- Clarisse** — Carreço — Viana do Castelo
Felisbina Judite — Dem — Caminha
Hortense de Jesus — St.^a Leocádia de Geraz do Lima — Viana do Castelo
Irene de Jesus — Santa Leocádia de Geraz do Lima — Viana do Castelo
Isaura dos Prazeres Loureiro — Aldeia de Cima — Dem — Caminha
Laura Angélica — Lanheses — Viana do Castelo
Lúcia de Araújo — Santa Leocádia de Geraz do Lima — Viana do Castelo
Lucília Veloso Araújo — Carreço — Viana do Castelo
Maria Arminda — Outeiro — Viana do Castelo
Maria da Conceição Brito — Santa Leocádia de Geraz do Lima — Viana do Castelo
Maria Dias Martins — Cardielos — Viana do Castelo
Maria das Dores — Perre — Viana do Castelo
Maria Dosinda Gonçalves — Aldeia de Cima — Dem — Caminha
Maria de Lurdes Ferreira Branco — Barrosa — Santa Marta de Portuzelo — Viana do Castelo
Margarida Tinoco — Fontão — Ponte de Lima
Maria Salé — Perre — Viana do Castelo
Rosa Pereira Fernandes — Fontão — Ponte de Lima

TECELAGEM (TRAJES REGIONAIS)

Embora, praticamente, caída em desuso, era a tecelagem responsável no traje vianês pela confecção de duas peças importantes: a saia e o avental.

Fiação, urdidura (disposição dos fios de base do tecido), e a montagem no tear, este, normalmente constituído pelo órgão de cima, a cruz, os liços, as carrilhas, as apeanhas, a lançadeira, o pente, o enrolador e o encosto, constituem as operações que vão dar origem ao tecido.

Infelizmente muitos destes utensílios, hoje, já desapareceram da maior parte das casas de lavoura do Alto Minho (muitos deles queimados), ou são peças de museu, ou sofreram já os efeitos decorativos que os tornaram mais objectos de adorno que utilitários.

Mesmo assim, parece surgir, sobretudo, na gente jovem um especial interesse pela tecelagem. Bom seria que seguissem o exemplo destas artesãs que com a sua habilidade e o seu gosto muito tem contribuído, inclusivé, para a evolução do traje de Viana.

- Carmo Branco** — Perre — Viana do Castelo
Celina Ramos Pedrulho — Casa do Caniço da Veiga — Afife — Viana do Castelo

Felisbina Judite — Dem — Caminha
Florinda Carvalhas — Aldeia de Cima — Dem — Caminha
Florinda Rosa Pires — Dem — Caminha
Francelina Fernandes — Várzea — Castro Laboreiro
Joana Augusta Macedo Gomes — Lugar de Renda — Seixas — Caminha
Maria do Carmo Felgueiras — Calvário — Perre — Viana do Castelo
Maria Dias Martins — Cardielos — Viana do Castelo
Maria José Parente — Perre — Viana do Castelo
Maria Lourenço Gonçalves — Santojinha — Arga de S. João — Caminha
Maria Martins Mauro Gigante — Perre — Viana do Castelo
Maria das Neves Candal — Dem — Caminha
Maria Olívia Couto Pinheiro — Gandra — Arga de Cima — Caminha
Maria da Piedade — Arga de Baixo — Caminha
Olívia Pereira — Marinhas — Vilar de Mouros — Caminha
Olívia Pires — Aldeia de Cima — Dem — Caminha
Rosa da Pontinha — Cabanas — Orbacém — Caminha
Sara Branco — Perre — Viana do Castelo

RENDAS

As rendas de Viana do Castelo estão intimamente ligadas à vida mercantil deste extraordinário burgo de marinheiros que foi, sem dúvida, a Viana da Foz do Lima quando, depois de Lisboa, era o segundo porto do Reino.

No começo do séc. XVI os negócios da «mercância» levavam-nos até à Flandres onde, também, o comércio das rendas prosperava por influência das trocas com Veneza.

Caminha, Viana, Vila do Conde, Peniche, Setúbal e Lagos, foram, então, os principais centros das rendilheiras, — onde há redes há rendas — com motivos típicos que ultrapassaram em qualidade e gosto as rendas importadas.

Em Viana do Castelo a indústria manual das rendas caracterizava-se pelo «cordãozinho» a circular o desenho (normalmente motivos marítimos, sacros ou histórico monumentais), pormenor que lhes deu, desde sempre, um cunho inconfundível.

A Igreja foi o principal cliente da rendilheira, sendo famosas as rendas e os trabalhos dos altares que ornamentavam a maior parte dos templos de Viana.

Hoje, poucas artistas se dedicam às rendas de bilros e agulhas, sendo, mais usuais, embora não tão finas, as chamadas rendas de croché.

Eva Moreira — Perre — Viana do Castelo
Eugénia Teixeira Gomes — Aspra — Riba d'Âncora

Isaura dos Prazeres Loureiro — Aldeia de Cima — Dem — Caminha
Luisa Martins — Dem — Caminha
Maria do Carmo — S. Salvador da Torre
Maria de Fátima Palma — Agrela — Vilar de Mouros — Caminha
Maria Lourenço Gonçalves — Arga de S. João — Santojinha — Caminha
Virginia Cunha — Perre — Viana do Castelo

REDES

Geralmente para a pesca artesanal, quer do rio (lampreia, robaliço, tainha), ou do mar, estes artesãos não só fabricam as redes como as consertam sempre que solicitados pelos «camaradas»:

João Maria Pereira — Caminha
Nicolau Porto — Caminha

BRANQUETAS

A branqueta é um traje usado, ainda, na freguesia de Castelo do Neiva, para a apanha do sargaço, e que tem uma característica: mesmo molhado mantém a temperatura do corpo. Um artesão e uma artesã dedicam-se à confecção deste tipo de traje de milénios (há quem o compare ao «sago» romano).

Anibal Santiago — Castelo de Neiva
Conceição Moleiro — Castelo de Neiva

CORDOARIA

Embora já industrializado, o fabrico artesanal de cordoaria ainda é feito pelo artesão Jaime Ferraz — Largo de Santa Catarina — Viana do Castelo.

RODILHAS

Com um fim utilitário (o uso de transportar, por vezes, pesos enormes à cabeça é costume que, infelizmente, ainda não acabou no Alto Minho), as rodilhas, vulgarmente conhecidas como «sogras», tem já hoje um mercado próprio dentro das artes decorativas. Dedicam-se a este trabalho a artesã de Ponte de Lima, Carolina Caldas de Melo Velho.

BONECAS REGIONAIS E POPULARES

É vulgar ouvirmos dizer que os trajes de Viana são os mais lindos do Mundo! Teria sido essa uma das fortes razões que levou os artesãos Augusto Moita, morador na Travessa dos Clérigos, Avelino Estivador, morador na Rua do Cais e Maria Edite, moradora na Rua Grande, todos em Viana do Castelo, a preparar estas lindas bonecas, vestindo a rigor o traje de Viana.

Na boneca popular de pano são conhecidas as artesãs Maria da Purificação da Cunha Vieira, Beiral, Ponte de Lima e Maria da Conceição Cunha, Cardielos, Viana.

TAPEÇARIAS

A tapeçaria de Viana tem longas tradições. Iniciando-se com fins meramente utilitários, rapidamente atingiu pela sua qualidade o mercado, sendo bem conhecida a Fábrica dos Pimentas com teares e fabricação de tapetes, fábrica essa que passou depois à Família dos Couto Viana.

Hoje a tapeçaria de Viana concentra-se, praticamente, na casa Somartis, onde tivemos o prazer de ver dois teares a trabalhar na preparação dos tapetes. Este tear diferente dos «caseiros» é composto por uma caixa, malhas, pentes, dois liços com 4 puas, lançadeiras, etc. O material usado é a juta e a lã. As tecedeiras trabalhando com 3 «calas» fazem o tapete designado «Minho», tapeçaria esta em alto relevo com puxados (feitos com a pinceta). Outras tapeçarias que deram nome a Viana — carpetes com lavradeiras (com um nó), Santa Luzia I (com um fio de juta) e Santa Luzia II (com 2 fios de juta), feitos em tear próprio com 1 cala ou de nó duplo, só por encomenda. Ultimamente, estão a ser muito procurados os tapetes de esparto e cairo (com fins utilitários, quer para as casas como automóveis).

Os artesãos que ainda se dedicam a este tipo de artesanato são:

Maria de Fátima Bravo — Meadela — Viana do Castelo

Maria de Fátima Pereira de Matos — R. General Luís do Rego — Viana do Castelo

Maria da Agonia — Campo do Castelo — Viana do Castelo

Esperança — Cardielos — Viana do Castelo

José Pedro Costa Correia — Portela de Baixo — Viana do Castelo

José de Sousa e Silva — Portela de Baixo — Viana do Castelo

Rosa Salgueiro — Cardielos — Viana do Castelo

Carmina Moreno — Lugar de Lamosa — Areosa — Viana do Castelo

MANTAS, TOALHAS, COBERTAS, LENÇÓIS

Para a confecção das mantas, utiliza-se a lã; para as passadeiras, de «trapos»; para as toalhas, de linho. Normalmente, estes artesãos só levam dinheiro pelo trabalho, já que o «material» é fornecido pelos fregueses. Para a confecção dos lençóis de linho usa-se a teia ou a meia teia. Uma teia tem vinte varas medindo cada uma cerca de 1,10 metros.

Ana de Sousa — Refoios do Lima — Ponte de Lima
Eva Cerqueira — Vale — Sá — Arcos de Valdevez
Carolina de Almeida — Esposende
Felismina Rodrigues Rebelo — Rio de Moinhos — Arcos de Valdevez
Glória da Conceição Cerqueira Fernandes — Cardielos — Viana do Castelo
Gracinda Simões — Lugar de Cabaninha — Argela — Caminha
Maria de Brito Coelho — Aldeia — Rio de Moinhos — Arcos de Valdevez
Maria da Conceição Cunha Correia — Cardielos — Viana do Castelo
Maria Helena Vieira Freitas — Gandra — Ponte de Lima
Maria Leitão Pais — Fornelos — Ponte de Lima
Maria Miquelina — Mendanha — Esposende
Maria Nazaré Alves — Mendanha — Esposende
Maria Lopes de Sousa — Lugar da Lage — Gemeses — Esposende
Preciosa Lopes Soares — Lugar do Calvário — Gemeses — Esposende
Maria Olívia Couto Pinheiro — Gandra — Arga de Baixo — Caminha
Maria Teresa Norberto Cerqueira — Correlhã — Ponte de Lima
Mariana do Carmo Vieira — Gandra — Ponte de Lima
Palmira Rodrigues — Aldeia — Rio de Moinhos — Arcos de Valdevez
Rosa Isabel Duarte — Vale — Sá — Arcos de Valdevez
Rosa da Pontinha — Cabanas — Orbacém — Caminha

CESTARIA

Esta espécie de artesanato era muito praticada em todo o Minho. Trabalho simples mas exigente em termos de habilidade e certeza de mãos que, no quotidiano, trabalham a verga ou o vime. Costuma-se dividir em cestaria grossa ou fina. O material usado: amieiro, austrália, castanheiro «castanho», vimes. Os tipos de cestos variam quase de terra para terra: cestos de «meia fita», de «quatro rasas», cesto bordado, de «dois alqueires», de «vindima», de «Viana», «barreiros», etc.

A cestaria fina entrou já na «moda» e hoje (vê-se a concorrência dos plásticos), a «arte» da cestaria encontra um bom mercado como material de adorno.

Artesãos conhecidos:

Cestaria fina:

Joaquim Barata — Vila Praia de Âncora
João Miguel Torres Soutinho — Souto — Vilarelho — Caminha

Cestaria grossa:

Abílio da Silva e Sousa — Fonte — Jolda — Arcos de Valdevez
Adelina Gonçalves — Outeiro — Aguiã — Arcos de Valdevez
Adolfo Almeida Ribeiro — Lugar do Neiva — Forjães
Albino Barros — Souto de Rebordões — Ponte de Lima
Alberto Fernandes — Bicuão — Salvador — Arcos de Valdevez
António Amuedo — S. João de Portela — Monção
António Francisco Cerqueira Dantas — Crasto — Cendufe — Arcos de Valdevez
António José Barbosa de Amorim — Fundão — Vale — Arcos de Valdevez
Armindo António de Amorim — S. Sebastião — Távora — Arcos de Valdevez
Avelino Boalhosa Cerqueira — Casal — Vale — Arcos de Valdevez
Avelino da Silva — Crasto — Cendufe — Arcos de Valdevez
João Barros — Souto de Rebordões — Ponte de Lima
João Porfírio — Souto de Rebordões — Ponte de Lima
Joaquim Feijó — Souto de Rebordões — Ponte de Lima
José António Carmo Barros — Refoios — Ponte de Lima
José Barros — Souto de Rebordões — Ponte de Lima
José Pereira — Bouça Soeiro — Aguiã — Arcos de Valdevez
José Maria de Sousa — Agrelas — Cendufe — Arcos de Valdevez
José Paz Dantas — Soutelo — Cendufe — Arcos de Valdevez
José de Sousa — Picouço — Távora — S. Vicente — Arcos de Valdevez
Jovino da Rocha — Redondo — Vilela — Arcos de Valdevez
Maria da Luz Gomes de Sousa — Padreiro — Arcos de Valdevez
Marciana Santos Ribeiro — Lugar da Pedreira — Forjães
Olimpio Almeida Ribeiro — Lugar da Pedreira — Forjães
Paulina do Bento — Lugar da Pedreira — Forjães

CAROÇAS

A caroça ou «cobertalho de chuva» é feita de junco manso, não servindo o chamado junco branco. As caroças ou croças são feitas dos Santos ao Natal. As caroças não têm cabeça; o «crucho» tem «cabeça» e «capucho». A «croça» deixou de se usar para fins práticos passando a ser adquirido para fins decorativos.

Artesãos conhecidos:

Adelaide Pereira — Vila Nova — Vilela — Arcos de Valdevez
Felicidade Ribeiro — Vila Nova — Vilela — Arcos de Valdevez
João Evangelista Pedra — Deão — Viana do Castelo
Manuel Cadeira — Deão — Viana do Castelo
Manuel Sebastião — Deão — Viana do Castelo
Maria Macieira — Vila Nova — Vilela — Arcos de Valdevez

ESTEIRAS, CAPACHOS

Praticamente em desuso, dedicam-se a este tipo de artesanato:

José Faria Sampaio — Forjães
Maria Alice Nogueira — Sá — Arcos de Valdevez

LUMINÁRIA POPULAR

A candeia é, sem dúvida, o símbolo mais representativo da vida aldeã e a sua variedade enorme: candeia simples (de depósito aberto e sem tampa); candeia dupla (com espelho e depósito duplo); candeia com tampa (com uma tampa em disco). Ligada ao fabrico das candeias estava o dos «mancelos» ou seja, suportes de madeira torneados para colocação das candeias. Com a mudança do combustível (azeite para petróleo), as candeias passam a ser tapadas, sendo o depósito de uma forma cilíndrica cónica, mantendo-se a haste, o gancho de suspensão e, até, o espelho. Ainda dentro da luminária aparecem-nos as lanternas quadrangulares, usadas nas procissões e no culto dos mortos, e, a candeia de três bicos.

Com o aparecimento da electricidade que, felizmente, cobre já todo o Distrito mesmo nas zonas mais sertanejas, a luminária popular estava em risco de desaparecer. Felizmente a sua procura vem-se intensificando, tendo, inclusivé, os artesãos adaptado já os seus modelos à iluminação eléctrica com decorações artísticas de muito merecimento, não só para adorno particular, mas ainda para iluminação pública, etc.

Em Ponte de Lima, Manuel Armada e Joaquim Jacques e viúva de Manuel Liquito, ambos em Vila de Punhe, com as suas lanternas e lampeões (caixas com quatro faces de vidro e estrutura de finas caneluras de lata soldada), têm visto os seus artigos patentes em várias exposições de artesanato.

O mesmo se passa quanto à latoaria e funilaria. As actividades ligadas à habitação (latas para conservas de chouriços, enchidos, medidas, funis para vinhos etc.), se em curva descendente

quanto aos seus fins utilitários vêm hoje, de novo, a procura nos mercados como objectos decorativos, como acontece com o artesão Manuel Cerqueira, de Vila Praia de Ancora e Armando Lopes Pinto, em Ponte de Lima.

O mesmo se poderá dizer quanto a trabalhos feitos com outros metais:

COBRES

Alberto Pinto — Caminha
José Cunha Ferreira — Caminha
José Maria Brito — Caminha

FERROS FORJADOS

Francisco Franco — Areosa
Francisco Pereira — Forno — Barrocelas

VERGUINHA

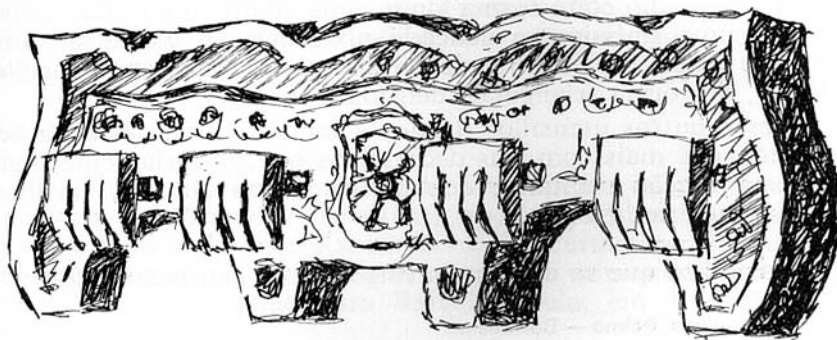
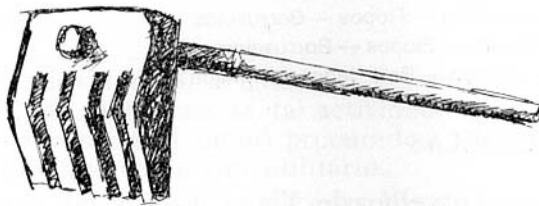
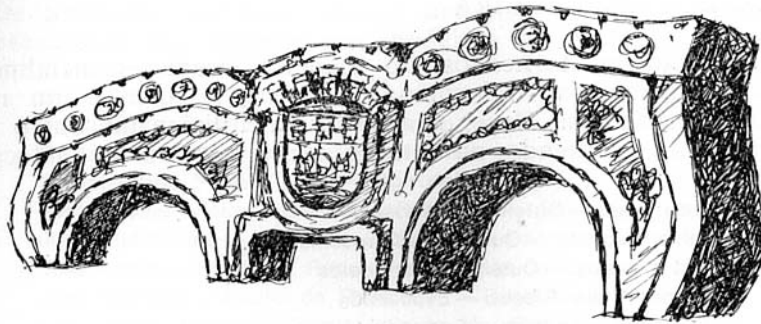
Alfredo Abilio Amorim — Lugar de Poças
Francisco Mimoso Dantas — Fundo Passo
Manuel Gonçalves Faria — Audião
Rodrigues Fernando Sapo — Carreira
Silvino Correia Puga — Bouça
(Todos de Souto de Rebordões — Ponte de Lima)

ALFAIAS

Cipriano Lourenço — Aldeia de Cima — Dem — Caminha
Joaquim de Brito Alves — S. Martinho — Aguiã — Arcos de Valdevez
José Brito Alves — S. Martinho — Aguiã — Arcos de Valdevez
Manuel Torres — Lugar de Toure — Vilar de Mouros — Caminha

CANGAS E CANGALHOS

Quer as cangas, quer os cangalhos (cangas mais baixas com os camalhões menos salientes e os arcos de tubo de ferro), deixaram praticamente de se usar com o aparecimento do tractor; o seu fim utilitário (ligação aos bois e ao carro), assim como dos elementos complementares: os arcos, as ensogas, as pertizelas, o tamoeiro, as chavelhas de pôr e as chavelhas de descanso, deixaram de se justificar. Outrotanto, não se passa com a decoração que tem evoluído dentro dos motivos tradicionais: a cruz no centro, a coroa real, as silvas, as flores, os desenhos geométricos com riscos feitos a golpes de goiva e palhete.



Artesãos mais conhecidos:

Adriano Carneiro — Souto de Rebordões — Ponte de Lima

Artur Parente — Aldeia de Cima — Dem — Caminha

Floro dos Anjos Ferreira — Arga de Cima — Caminha

José Dantas — Beiral — Ponte de Lima

Sales Gomes — Santa Marta de Portuzelo — Viana do Castelo

José Vale — S. Martinho da Gandra — Ponte de Lima

TORNEADOS DE MADEIRA

De início os torneados de madeira eram essencialmente manuais, utilizando-se o formão, as brocas, a goiva e um rudimentar torno de base. Hoje, os artesãos já utilizam um outro tipo de ferramenta, mantendo, no entanto, o mesmo tipo de confecção:

Alfredo Puga — Outeiro — Barroselas
Arnaldo Baptista — Outeiro — Barroselas
Aníbal Campos — Outeiro — Barroselas
Belimino André Ribeiro — Esposende
José Palma — Outeiro — Barroselas
Irmãos da Foz — Foz — Barroselas
Irmãos Macieira — Fiopos — Barroselas
José Pinheiro — Fiopos — Barroselas
Porfírio Carocha — Reis Magos — Mujães

ROCAS E ESPADELAS

As rocas no concelho de Viana do Castelo são constituídas por um cabo de madeira redondo feito à plaina e um roquil de madeira torneada com forma dum cone muito alongado, rematado por uma finíssima e delicada pirâmula. A espadela, uma espécie de cutelo de madeira, de variados formatos, é no concelho de Viana, de forma triangular, delgada e larga.

Estes e outros utensílios ligados à faina do linho estão a ser confeccionados mais com fins decorativos que, propriamente, ligados à sua função utilitária: dobadoiras, rodas de fiar, sarilhos, fusos, lançadeiras, etc.

Os artesãos que se dedicam a este tipo de artesanato são:

Domingos Palma — Barroselas
José Araújo Dantas — Ponte de Lima
José Cerqueira — S. Mamede — Lavradas — Ponte da Barca
José de Sousa Faria — Vilela — Arcos de Valdevez

TANOARIA

Gozou de enorme sucesso e foi pioneira na cidade de Viana do Castelo. Todavia, tal actividade, está em risco de ser abandonada restando, em Viana, o artesão Manuel Alves da Costa Ferreira, na Rua Roque de Barros.

De assinalar, também, outros artesãos que se dedicam ao manuseamento das aduelas em madeiras de castanho, carvalho, austrália ou eucalipto:

David Silva Pereira — Vila de Punhe
David Sousa Barros — Queijada — Ponte de Lima
Delfim Costa Pereira — Foz — Barrocelas
José Araújo Vieira — Souto de Rebordões — Ponte de Lima
José Guimarães — Souto de Rebordões — Ponte de Lima
José Lopes — Souto de Rebordões — Ponte de Lima
José Meireles — Souto de Rebordões — Ponte de Lima
Luís Vieira Marcos — Poças — Souto de Rebordões — Ponte de Lima

TAMANQUEIROS

Há tempos idos podiam-se contar às centenas os que se dedicavam a esta tarefa. Actualmente, tal actividade vai desaparecendo, embora os tamancos sejam muito procurados pelos turistas, mais como recordação que como fim utilitário.

Em Geraz do Lima, onde há décadas havia muitos tamanqueiros, resta o Sr. Justino Rodrigues Martins, em Barrocelas, Gaspar Maciel e, em Ponte de Lima, Francisco Dantas. As madeiras utilizadas são as de amieiro, salgueiro e cerejeira, por serem leves e impermeáveis à humidade.

MINIATURAS

Em miniaturas de barcos existe um vianense que se tem vindo a dedicar à construção de vários tipos de embarcações usadas nos rios Lima e Minho: Raul Vilas Boas Cerqueira. Há quem se dedique, também, à confecção de pequenas miniaturas (utensílios caseiros), com destaque para Rafael Capela, em Vila Praia de Âncora.

Outros trabalhos em madeira:

MOBILIÁRIO ARTÍSTICO

Arnaldo Pereira Rego — Vila Praia de Âncora

GAMELAS

Família Pimenta — Carvoeiro

CARROS DE BOIS

Artur Parente — Aldeia de Cima — Dem — Caminha
Floro dos Anjos Ferreira — Arga de Cima — Caminha

PENEIRAS

Maria da Conceição Alves Amorim — S. João de Arga — Caminha

BENGALAS ARTÍSTICAS

José Carlos da Costa Dantas — Gandra — Ponte de Lima

BARCOS

Ernesto de Azenha — Arcos de Valdevez
José do Cachão — Arcos de Valdevez
José do Espírito Santo — Arcos de Valdevez
Lúis António Ranha Marrocos — Lanhelas — Caminha
José Eduardo Lopes — Vilarelho — Caminha
Manuel Gonçalves Pinto — Viana do Castelo
Tone Libório — Arcos de Valdevez

CORTIÇOS

Família Marques — S. Jorge — Arcos de Valdevez

TEARES

Floro dos Anjos Ferreira — Arga de Cima — Caminha

ALFAIAS MARÍTIMAS E RURAIS

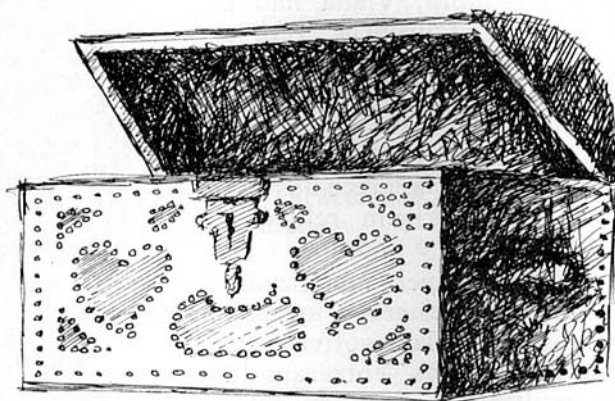
Domingos Palma — Barroselas
José Dantas — Ponte de Lima
José Rodrigues Coelho — Quintão — Aguiã — Arcos de Valdevez

TRABALHOS EM COURO

Neste tipo de trabalho distinguem-se os artesãos que se dedicam à confecção das monelhas (curiosos enfeites usados no gado

bovino como protecção entre os chifres), típicos dos concelhos de Paredes de Coura e dos Arcos de Valdevez, respectivamente:

Aires Barbosa — Bico — Paredes de Coura
Delfina Rodrigues — Bico — Paredes de Coura
Severino Pereira — Cristelo — Paredes de Coura
Manuel Fernandes Araújo — Rua do Lira — Arcos de Valdevez



Também a arte de encadernação, com o artesão Mário Pontes, do Lugar de Funchal em Vilar de Mouros (concelho de Caminha), e, ainda, as típicas chinelas que completam o traje à vianesa:

Manuel João Gomes Cunha — St.ª Marta de Portuzelo — Viana do Castelo
Augusto de Sousa — S. Vicente — Meadela — Viana do Castelo
José Dias Cerqueira — Rua Gago Coutinho — Viana do Castelo

TRABALHOS EM PEDRA

Alguns dos nomes mais famosos em cantaria eram do Alto Minho. O mais conhecido é o canteiro Joaquim Leones, de Moreira do Lima, em Ponte de Lima. De destacar também os artistas Armando Cerqueira de Araújo, também de Ponte de Lima e Joaquim Barrumas de Alves, Barroselas e, ainda, os «santeiros» de Esposende: Quintino Vilas Boas Neto, Pompeu Morgado Neto, António Afonso Morgado Neto e Manuel Fernando Morgado Neto.

ARTE FLORAL
— PALMITOS E FLORES

Viana Concelho — Viana Distrito foi sempre uma terra de flores, encastoadas naquele verde pinho que traz o sentido de mistério a este Alto Minho poético e sonhador.

Tagarela e bailadora, Viana não é de ninguém, nem de si própria. Tem o coração ao pé da boca, aqueles lábios cereja, o ar prazenteiro de falar, de horta e capela que são a sua graça e o seu noivado.

No artesanato a flor aparece-nos em profusão, e tem uma origem religiosa, um ar devoto, de santos e andores.

Hoje, utilizando papel metalizado, arame, seda, cola e papel crepe, os palmitos, os ramos, as velas votivas, as pinhas, os laços, as silvas, entraram já na decoração, multiplicaram o seu colorido (na arte religiosa os palmitos e os ramos tinham que subordinar-se às cores do vestuário do santo ou ao tempo de liturgia), e são uma nota de alegria; pétalas de Viana, em cada lar!

Nesta admirável arte, é justo destacar os seguintes artesãos:

Avelino Sérgio Machado — Vila Franca do Lima — Viana do Castelo
Estela Arantes — Viana do Castelo
Eulália Lurdes Araújo — Arques — Vila de Punhe — Viana do Castelo
Irene Maria — Casa Zefa — Vila Franca do Lima — Viana do Castelo
Maria da Conceição Ribeiro — Vila Franca do Lima — Viana do Castelo
Maria Vasco — Viana do Castelo
Casa Sales Gomes — Santa Marta de Portuzelo — Viana do Castelo
Casa Sales — Riba d'Âncora — Caminha



e, ainda, os famosos andores de Alvarães e os cestos de Vila Franca do Lima, confeccionados por tantos artistas anónimos, expressamente, para as Festas do Senhor da Cruz e as Festas das Rosas.

LENÇOS DE AMOR

Esses pequenos quadrados de pano bordado, cuja simbologia amorosa era sinal de comprometimento, também passaram de moda, em termos da tradicional oferta da rapariga que os bordava, ao namorado.

Hoje, porém, e embora com fins meramente decorativos, voltam os lenços de amor a ter procura e, coisa rara, a serem encaixilhados em caras molduras.

Bom seria que o mercado fosse novamente contemplado com este tipo de artesanato, tão característico da nossa Região e ao qual poucos artesãos se dedicam:

Virgínia Cunha e
Eva Pires Moreira da freguesia de Perre

GASTRONOMIA TRADICIONAL

A cozinha do Alto Minho é simples mas de grande qualidade, tradicional mas sempre jovem.

Se aliarmos à simplicidade a delicadeza, compreenderemos, facilmente, porque a gastronomia é, neste espaço geográfico, uma das atracções que mais entusiasmo e mais saudades deixa.

Desde as sopas aos sucolentos e saborosos pratos onde os peixes, as carnes e os mariscos têm lugar destacado, até às sobremesas simples, como o arroz doce ou as requintadas, como as que foram herdadas da doçaria conventual; desde os verdes branco de «três assubidas» até aos verdes tinto «carrascão», não esquecendo as bagaceiras do «caseiro» bem melhores que as do «patrão», tudo é uma sinfonia de aromas e paladares.

Seria impossível descrever aqui tantas «cozinheiras» que mereceriam a nossa homenagem, tantas «avós» cujas receitas são uma verdadeira manifestação ancestral da cultura, património comum que há mister reconquistar, sobretudo, neste Alto Minho alegre, folgazão, «bom comedor».

Mas quisemos aqui deixar, também, o nosso apontamento para a doçaria ligada directamente às Romarias do Alto Minho, concretamente, à tradição da confecção de bolos de pão de trigo,

doces ou não e, ainda, às roscas de mordomas chamadas roscas de canga com a clássica forma em U, os «folares» que o Etnográfico de Areosa (Viana do Castelo) apresenta como mostra de artesanato em todas as suas exposições, distribuindo-os no final pelos convidados, etc.

Não esquecer também os bichos de leilão (figuras de pão com representações antropomórficas e zoomórficas) características das padarias de Perre, Outeiro, Caminha e Seixas, para além dos rosquilhos, roscas, doces brancos e pão de ló de romaria.

Aníbal Cunha — Lanhelas — Caminha
António Fernandes Bezerra — Viana do Castelo
Belinha Meira — Vila Praia de Âncora
Belosinda Varela (Clara Penha) — Ponte de Lima
João Evangelista — Viana do Castelo
Litânia de Vasconcelos — Lanhelas — Caminha
Luísa Guerra Felino — Seixas — Caminha
Maria de Jesus Sousa — Viana do Castelo
Martinho Rocha Barbosa — Paredes de Coura
Quitéria Rocha — Paredes de Coura

ENCHIDOS / FUMADOS

Este termo aplica-se à carne de porco sozinha ou misturada com outras carnes, preparada em enchidos salgados, ensacados e afiambrados.

Normalmente, não constam dos livros de artesanato como se porventura as tradicionais receitas, que nos fazem dizer e reconhecer, pelo paladar e qualidade das carnes e até arte de preparar, o chouriço de sangue, as morcelas, o chouriço verde, as farinheiras, o salpicão ou o presunto, ser desta ou daquela região, não merecessem a divulgação e a sua citação nos catálogos como verdadeiras criações culinárias!

No estrangeiro, sobretudo nos países escandinavos, os fumados fazem parte integrante da sua artesanaria e são uma fonte de divisas extraordinária, não só as carnes como os peixes que, entre nós, exemplos como a solha e o sável, a lampreia e o salmão, fumados, praticamente, desapareceram.

Infelizmente, há um motivo para explicar esta situação: o abastardamento das novas construções, a não inclusão da cozinha tradicional, o esquecimento da velha lareira, triste fenómeno de aculturação que descaracterizou as nossas aldeias (o «brasileiro», no século XIX, soube, ao regressar ao torrão natal, construir

«vivendas» que se integraram no património secular), ao substituir-se o granito pelo tijolo, a sala grande e a varanda pelas duas assoalhadas, o rústico pelo cimento e o quintal pelo pseudo-jardim, fez desaparecer toda uma arte que enchia o fumeiro, a salgadeira, a mesa e a bolsa!

Mesmo assim a Serra d'Arga (Arga de S. João, S. Lourenço da Montaria, Dem, Gondar, Orbacém), o Soajo (Arcos de Valdevez, Gavieira, Vilar, as Brandas), Castro Laboreiro, Fiães (Melgaço), são locais onde, ainda, se podem encontrar enchidos e fumados «caseiros» de alta qualidade.

PIROTECNIA

Para o minhoto, romaria que não mete foguetes e lágrimas... não é festa!

Também foi no Alto Minho que esta arte atingiu o seu maior esplendor, fruto dum imaginário a que não será estranho o próprio meio ambiente, onde a largueza dos motivos de inspiração fez dos nossos consagrados pirotécnicos, os mais afamados não só no País, como no estrangeiro.

Os foguetes ágeis de resposta, os «bouquets» monumentais, as girândolas que iluminam de esplendor o céu, os morteiros «surdos», as granadas de cores, o fogo preso, com altas pinturas em cores sortidas, os bengais, as balonas de projecção, o fogo aquático, as lágrimas... a riscar pelo espaço fálhas e pepitas, são bem este Alto Minho esfusiante de beleza que o sonho e a imaginação dos nossos pirotécnicos soube exprimir nessas trémulas e encandeantes luzinhas, que, ora brilham no espaço, ora desaparecem, para voltarem ainda mais rubras e cinzeladas, levando no seu ourel, no seu rendilhar, o entusiasmo dos corações, o sentir das gentes, o bucolismo das terras, o sonho das estrelas!

Era, normalmente, nas Festas da Senhora d'Agonia (cujo início remonta a 1772), que os pirotécnicos do Alto Minho, convidados a apresentar os seus fogos recebiam as encomendas para, praticamente, todas as Romarias do País (e não só), costume que ainda hoje se mantém, sendo muitos os forasteiros que visitam Viana durante as suas Festas só para apreciarem os tradicionais fogos do Jardim, do Meio ou da Santa e a Serenata.

São diversas as oficinas de pirotecnia no Distrito (as mais conhecidas):

Armindo António Gomes de Sousa — Oleiros — Ponte da Barca
António Gomes da Costa e Filhos — Santa Cruz — Ponte de Lima
Gaspar J. Fernandes e Filhos — Lanhelas — Caminha
José Maria Fernandes e C. Ld.ª — Lanhelas — Caminha

TECTOS EM ESTUQUE

No séc. XVIII os estucadores italianos chegavam a Portugal (Lisboa e Porto), pela mão do Marquês de Pombal.

Os tectos até então, eram feitos em madeira e, nas casas ricas, em «maseira» ou «caixotones» de boa madeira de castanho, com aplicações de talha, estilo renascença.

Com os italianos aprenderam os homens da «arte» de Afife, Carreço, e Areosa, que também no séc. XVIII, em navios saídos de Viana, emigraram para Lisboa... a nova arte!

Os tectos começaram a ser construídos em fasquio pregado nos caibros do travejamento, a superfície do tecto estucado a cal e gesso, os ornatos desenhados em tamanho natural e aplicados, posteriormente, nos tectos de modo que ficassem estampados.

Depois, iam aplicando o gesso com espátulas até obterem o desenho ou, como aconteceu mais tarde, o que simplificava o trabalho, os ornatos eram modelados em barro, passados a gesso com moldes de cera ou de gesso e, depois, colados nas superfícies previamente marcadas.

Poucos artistas se dedicam já a esta nova arte, até porque as ditas «assoalhadas» não possuem a «sala grande» de que já falamos, onde o minhoto coloca os retratos dos seus maiores, o oratório, a cómoda grande em cujos gavetões guarda o traje da avó e da neta, os lençóis e as toalhas de linho, as escrituras da herança (...) onde recebe o Senhor Abade e o compasso na visita pascal, fica o caixão em dia de mortório, faz o almoço de casamento e de baptizado!

Em Afife, esta «arte» ainda tem mestres e discípulos:

Família da Casa das «Cachenas»

Família da Casa dos «Pedrinhos»

CERÂMICA DE VIANA

Normalmente, quando procuramos dizer algo sobre a louça artística de Viana, relembramos estudos que procuram sistematizar a evolução da cerâmica consoante a qualidade da pasta, do esmalte, da modelação, decoração, marcas, etc.

E assim definidos os períodos — 1774 a 1780; 1780 a 1820 e 1830 a 1855, a verdade é que não vi referidos em letra de imprensa para além, como já disse, dos motivos que justificam aquela classificação — as cores azuis, verdes, amarelas, laranjas, os motivos

vegetais, as composições geométricas, a paisagem da Ribeira Lima — o nome dos artesãos que, dedicadamente, tornaram justamente célebre a louça de Viana.

A Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Filhos, L.^{da} da Meadela, tem-se empenhado em manter a tradição da faiança vianense. Justo é que nesta «informação» se dê conhecimento de quem artisticamente, pintando à mão, segue criativamente toda uma temática de motivos tradicionais vianenses.

- Ana Maria Martins Carvalhido** — Lugar das Portelas — Meadela — Viana do Castelo
- Cândida Maria Franco Matos** — Lugar de Matos — Meadela — Viana do Castelo
- Cândida Martins R. Gigante** — R. da Bandeira, 543 — Viana do Castelo
- Filipe Antón:io Gonçalves Ruivo** — Lugar de Talharezes — Santa Marta de Portuzelo — Viana do Castelo
- João Manuel Araújo Parente** — L. de Matos — Meadela — Viana do Castelo
- José Manuel da Cruz Branco** — Largo Infante D. Henrique, 57 — Viana do Castelo
- Tedorinda Araújo Parente** — L. da Senhora da Ajuda — Meadela — Viana do Castelo
- Maria Augusta A. Lourenço** — Lugar das Caramonas — Meadela — Viana do Castelo
- Maria da Conceição G. Mesquita** — Lugar de Matos — Meadela — Viana do Castelo
- Maria Eugénia de A. Carteadó** — R. da Bandeira, 608 — Viana do Castelo
- Maria de Jesus Gonçalves Tavares** — Lugar de Vila Meã — Perre — Viana do Castelo
- Maria da Conceição N. Gomes** — Lugar da Madorra — Perre — Viana do Castelo
- Maria Cândida Alves Lourenço** — Lugar da Senhora da Ajuda — Meadela — Viana do Castelo
- Maria Clara Pires Araújo** — L. do Calvário — Meadela — Viana do Castelo
- Maria Coelho Rodrigues** — Lugar de Vila Meã — Perre — Viana do Castelo
- Maria Isabel G. F. Mina** — Lugar do Vieito — Perre — Viana do Castelo
- Maria de Jesus Parente** — Lugar da Bessa — Meadela — Viana do Castelo
- Manuel Lopes Sora** — Lugar da Portela — Meadela — Viana do Castelo
- Maria Madalena C. Almeida** — L. das Portelas — Perre — Viana do Castelo
- Olívia Moreira Rodrigues** — Capitães de Abril — Bloco 5 — 3.º - Dt.º — Viana do Castelo
- Maria Deolinda G. Mesquita** — Lugar da Portela — Meadela — Viana do Castelo
- Rosa Maria Gonçalves Mesquita** — Lugar de Matos — Meadela — Viana do Castelo

DIVERSOS

Não seria justo esquecer outros artistas que, dedicando-se às fainas artesanais, merecem ser constados nesta *Informação*.

Assim, como hábeis construtores de harmónios e concertinas será justo destacar o Sr. António Fernandes Dantas, de Rio Frio — Arcos de Valdevez e, ainda, José Oliveira Cerqueira de Borralhais, Oliveira, também, do concelho de Arcos de Valdevez;

Como hábil modeladora dos característicos gigantones e cabeçudos a Sr.^a Maria Arminda Ribeiro Maciel, de Darque — Viana do Castelo;

Como cereeiros (fabricação de velas para altares e iluminação) a Família Telheiro, em Barrocelas e, ainda, José Pereira Júnior, em Parada do Monte (Melgaço).

Como franjeira (a toalha não é feita só por uma pessoa mas por várias: uma tece, outra faz os desenhos (puxados), outra as franjas e daí o nome de franjeira), da Sr.^a Rosa Correia Vieira, da freguesia de Gandra, Ponte de Lima.

EM RESUMO:

Esta informação outro significado não teve senão provar que o artesanato desde que assumido:

- como expressão duma cultura e modo de ser
- como aproveitamento económico de recursos
- como forma de emprego e fontes de rendimento
- como instrumento pedagógico (geralmente desaproveitado), de expressão criadora
- como produção de arte e beleza
- como modo de produção de grande qualidade,

quer com um fim utilitário (directo), quer com um fim decorativo (indirecto), pode subsistir pela sua rentabilidade económica, sobretudo, pela sua aceitação social.

Porém, e como afirmamos já, tal não é possível se não se inflectir o rumo de extinção que sobre ele paira, pior ainda, se se teimar em «fabricar» artesanato através de subsídios oficiais o que o povo não aceita, por mera compaixão.

Para esse efeito há que reorganizar a produção, estimular a comercialização, o recrutamento de novos artesãos.

A produção, através de aquisição associada de matérias primas, introdução das modificações tecnológicas necessárias, melho-

ria das condições de trabalho, de selos de garantia; a comercialização, através da criação de centros de artesanato, de lojas de venda de artesanato nos Postos de Turismo (nacionais e estrangeiros, nos aeroportos), etc.; o recrutamento de candidatos, oferecendo condições de aprendizagem a nível do secundário, complementar e escolas superiores, em rendimento equiparável ao das profissões desejadas; uma imagem prestigiada.

O artesão não pode continuar a ser vítima duma situação que não criou, vendendo a sua alma de artista e poeta a intermediários pouco escrupulosos, que lhe regateiam a matéria prima e lhe pagam ridiculamente a mão de obra.

Daí que sugeríssemos atempadamente, a criação do Centro de Artesanato do Alto Minho ou outras formas de associativismo, aliás, já seguidas pelas Cooperativas de Ponte de Lima e de Vila Franca, o que permitiria uma produção e comercialização associadas diminuindo os custos, alargando o campo de vendas, a imagem de prestígio que há mister ser reconquistada.

Finalmente, a Escola e a aprendizagem, através do ensino técnico, do Instituto Politécnico do Alto Minho, da Universidade.

Enquanto a profissão artesanal não garantir empregos compatíveis, perspectivas de futuro para os jovens (a imagem de miséria afasta a juventude), o artesanato que poderia ser, como já acontece nos países da CEE, um mercado próspero, colmatando assimetrias regionais, tem os seus dias contados, sobretudo, aquele artesanato tradicional que é expressão de cultura, memória de um povo, não num sentido estático, antes dinâmico, de povo em movimento.

* * *

E voltamos ao Conde d'Aurora!

A vantagem do Norte sobre o Sul, em termos de atractivos turísticos, não é só durante o Verão e o Outono. É, também, durante o Inverno e a Primavera pois, em qualquer das estações, temos uma diversidade e uma riqueza etnográfica, gastronómica, folclórica, monumental e paisagística e porque só nosso... esse calor humano que sabemos imprimir a todos os nossos actos!

O Alto Minho é um exemplo vivo dessa realidade.

Saibamos conservar essas potencialidades, esses valores: tradição, cultura, arte popular não como uma constatação mas como força actuante em favor das comunidades, ao serviço da Região.